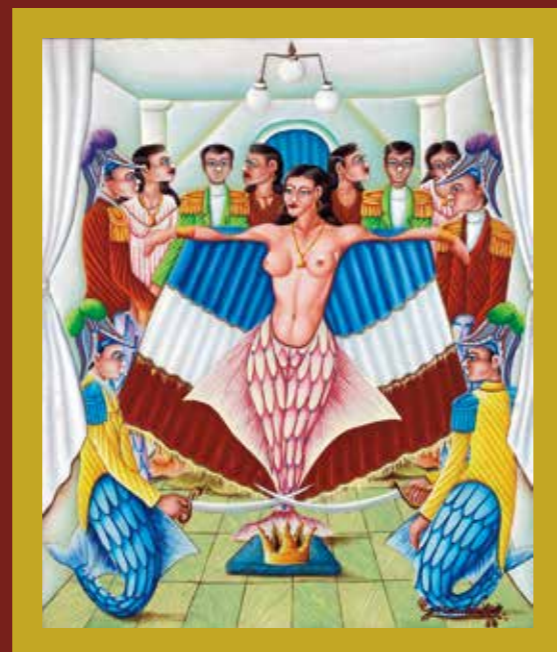




CAPA  
*Danseurs* – Ismael Saïncilus, 1976 – 82 x 64 cm

PÁGINA I  
*Grand bois* – Lherison Debreuse, 2005 – 46 x 50 cm

4ª CAPA  
*La Sirene* – Gerard Valcín, 1986 – 55 x 45 cm



Em 1803 os negros do Haiti deram uma tremenda sova nas tropas de Napoleão Bonaparte e a Europa jamais perdoou esta humilhação infligida à raça branca. O Haiti foi o primeiro país livre das Américas. A bandeira dos homens livres levantou-se sobre as ruínas. Então começou o bloqueio. A nação recém nascida foi condenada à solidão. Ninguém comprava do Haiti, ninguém vendia, ninguém reconhecia a nova nação.

*Eduardo Galeano*



# Haiti Vida e Arte

Tendo a liberdade negada por quase 300 anos no período colonialista, os homens e mulheres que com seu trabalho e sangue fizeram do Haiti a colônia mais rica do Caribe, encontraram na arte a sua política e sua história; na música e na dança, sua religião. Não é por acaso que a arte haitiana, que tem no vodou sua inspiração, com seus veves e sincretismos, assim como nas religiões afro-brasileiras, são expressões de culturas que atravessaram o Atlântico e floresceram nas Américas. Sendo uma manifestação de resistência e liberdade, a cultura haitiana sofreu inúmeras tentativas de destruição e silenciamento por parte dos colonizadores europeus.

O que não podia virar palavra, tornou-se gesto, o que não podia criar raízes, tornou-se movimento, a cultura tornou-se espírito e as divindades ancestrais africanas e seus mistérios iluminaram o caminho da liberdade. Em 1804, o Haiti torna-se a primeira nação negra livre do mundo, segunda república a conquistar a independência nas Américas. “Ousadia” essa que custou sucessivos embargos que lhe foram impostos por um mundo colonialista e escravocrata.

A mostra *Haiti – Vida e Arte* apresenta 73 obras de arte entre pinturas, esculturas em metal e bandeiras de vodou de renomados artistas haitianos que demonstram o vigor e a força desse povo.

A viabilização dessa exposição – e de outras já realizadas no Brasil, e de inúmeras que apresentaram a arte do Haiti em diversos países da Europa e das Américas – só se tornou possível graças à generosidade do colecionador Jacques Bartoli que disponibilizou seu precioso acervo que reúne obras de arte dos mais importantes mestres haitianos.

Filho de Jean Bartoli – renomado médico haitiano – Jacques formou-se em medicina em 1975 e há 20 anos é representante no Haiti da HRDF (Haitian Resource Development Foudation) – organização que desenvolve projetos sociais na área de saúde e educação no sul daquele país. Jacques iniciou sua coleção na década de 1970 e sempre foi um apoiador dos artistas locais e um facilitador de todos aqueles que busquem promover e ajudar o seu país. O condomínio que construiu no bairro de Pacot, em Port-au-Prince, onde residem e circulam artistas, antropólogos, jornalistas e pessoas de missões humanitárias das mais diversas nacionalidades, é com certeza um ponto de encontro e troca de vivências que desempenha um importante papel na difusão e na divulgação da arte e da cultura haitianas.

Dirce Carrion  
Curadora







Haiti Vida e Arte

A **Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial – SMPIR**, criada em 2013 pelo prefeito Fernando Haddad, representa um marco histórico da cidade de São Paulo no combate às desigualdades e ao racismo. Além de atender uma demanda antiga do Movimento Social Negro e de outros grupos étnico-raciais afetados pela discriminação, a criação da SMPIR demonstra o reconhecimento por parte do Município da necessidade de construir estratégias efetivas para o combate às desigualdades sócio-raciais e para o alargamento dos processos democráticos, de forma a promover a igualdade racial e, conseqüentemente, contribuir para o avanço do desenvolvimento social, econômico e cultural da maior cidade do País.

É nesse contexto que a SMPIR inicia suas atividades, com a missão de construir e consolidar uma Política Municipal de Promoção da Igualdade Racial com ênfase na população negra, com ações de curto, médio e longo prazo, reconhecendo as demandas imediatas e priorizando áreas estratégicas.

Levar ao público o conhecimento e o trabalho por meio da arte e da cultura – foi com este propósito que a SMPIR abraçou o projeto *Haiti – Vida e Arte*. Através de obras de artes plásticas – pinturas, esculturas em metal e bandeiras de vodou da coleção do haitiano Jacques Bartoli – busca-se mostrar o olhar de artistas renomados do Haiti. A diversidade de personalidades negras que reconquistaram o direito à palavra, grandes pensadores, artistas, e autores afrodescendentes fazem da recuperação da memória execrada e da autobiografia um ato de simultânea autocriação e autoemancipação.

Abalado por um terremoto de proporções catastróficas em 2010, o Haiti resiste com a força de sua arte e a coragem de seu povo. É este processo que a exposição *Haiti – Vida e Arte* pretende exaltar com as obras de arte, nos momentos únicos de sua apresentação.

A mostra traduz a grandeza de talentos e a beleza de espaços nos quais se inspiraram e transformaram as informações culturais negras. Remete às tradições mais profundamente enraizadas e ao contemporâneo, por intermédio do exercício da observação, com uma inovadora maneira de exposição. Transcende, dando ênfase na observação à sagaz vivacidade das obras em sua essência, retratando a arte, delimitando seu espaço nem sempre convencional, capturada no tempo e espaço, representada por tela, escultura e bandeiras de vodou para as atuais e futuras gerações.

**Antonio Silva Pinto**

Secretário Municipal de Promoção da Igualdade Racial de São Paulo

# Apresentação

A exposição *Haiti – Vida e Arte* é uma homenagem a um povo que sempre lutou pela sua liberdade e pela sua dignidade. Em 1804, o Haiti foi o segundo país das Américas a se tornar independente, atrás apenas dos Estados Unidos, constituindo a primeira nação negra livre do mundo.

No entanto, nestes dois séculos desde a sua independência, esse país pequeno em termos geográficos vem passando por sucessivas dificuldades: pressões internacionais, embargos econômicos, ocupações, regimes despóticos e desastres naturais. Talvez esse sofrimento, que aprofundou a pobreza da maioria da população, tenha impulsionado o espírito criativo dos haitianos, que através da arte encontraram uma forma de amenizar o sofrimento.

Impressiona a farta produção de arte do Haiti, a quantidade de artistas que não precisam de formação acadêmica para transformar os poucos meios de que dispõem em peças de valor artístico de qualidade excepcional.

A mostra *Haiti – Vida e Arte* apresenta 72 obras entre pinturas, esculturas em metal e bandeiras de vodou de renomados mestres haitianos, cuja riqueza de expressões artísticas oferece aos brasileiros a oportunidade de construir um riquíssimo intercâmbio cultural entre esses dois países que compartilham, para além de uma relação marcada pela intervenção humanitária, um histórico de exploração, escravidão e luta de sua população afrodescendente.

Na tarde de 12 de janeiro de 2010, um terremoto de magnitude 7 atingiu o Haiti. O tremor, cujo epicentro localizava-se a cerca de 25km da capital Porto Príncipe, teve efeitos devastadores. A incerteza sobre alguns dados não os faz menos surpreendentes – as estimativas do número de mortos variam de 200 mil a mais de 300 mil pessoas, enquanto o número de pessoas que ficaram desabrigadas varia desde 895 mil a 1 milhão e meio de pessoas. Além de tais perdas irreparáveis, a infraestrutura do país foi extremamente comprometida, afetando desde construções de importância econômica, administrativa, cultural e histórica a sistemas de comunicação, transporte e redes elétricas, dificultando tanto os resgates e medidas emergenciais quanto a reconstrução a longo prazo.

Mais de cinco anos depois, os efeitos desse terremoto ainda podem ser observados nas ruas e na sociedade haitiana. Tão evi-

dentos quanto os danos materiais causados à estrutura das construções e edifícios, são os danos causados às já frágeis instituições administrativas e democráticas do país, caracterizado por sucessivas crises políticas e pela incapacidade de oferecer oportunidades e serviços básicos para grande parte da população.

É desse contexto que milhares de haitianos tentam fugir ao buscar melhores condições de vida e oportunidades de trabalho em outros países, entre os quais o Brasil aparece como um dos destinos preferenciais. Além da proximidade geográfica do Haiti com o norte do país, o Brasil está a frente da missão de paz das Nações Unidas para a estabilização e restauração da ordem no Haiti, tornando-se uma referência aos haitianos, que passaram a ver aqui um lugar promissor para reconstruir suas vidas em condições dignas. Desde 2010, o fluxo migratório Haiti-Brasil foi crescendo de forma muito expressiva, o que fez com que o governo brasileiro criasse, em 2012, o visto humanitário para poder acolher essa população que não se encaixava em outras categorias de visto, como o de refúgio.

Os haitianos que encontraram no Brasil o local para refazer suas vidas não devem ser limitados ao estereótipo de “imigrante”, são pessoas que exercem um direito humano e fundamental de buscar meios dignos de construir o próprio destino, reconhecido na Declaração Universal dos Direitos Humanos, segundo a qual “toda pessoa tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar”.

O governo brasileiro deu o primeiro passo ao reconhecer o direito dessas pessoas em integrar-se ao país, cabendo agora à sociedade promover uma integração efetiva dos haitianos através do reconhecimento de sua dignidade e da valorização de seu rico patrimônio cultural e histórico.

São hoje 70.000 haitianos que chegaram ao Brasil e que trouxeram consigo, além da esperança de encontrar oportunidades e construir uma vida digna, sua cultura, sua religião, seu idioma, seus conhecimentos e sua própria visão de mundo.

Que a mostra *Haiti – Vida e Arte* seja mais um passo para o justo reconhecimento do vigor da cultura desse povo forte e corajoso.

**Dirce Carrion**  
Curadora

# Haiti – Entre o épico e o trágico

“Épico” e “trágico” foram os termos destacados pelo historiador baiano Jacob Gorender ao caracterizar a história do Haiti. Uma rápida pesquisa em alguma enciclopédia ou na internet é suficiente para que essa escolha de termos comece a fazer sentido. Esse país caribenho passou por muito mais tempestades do que calmarias.

Quando, em 1492, Cristóvão Colombo desembarcou na América, no Môle Saint-Nicolas, Haiti, parte noroeste do território que batizou de Ilha Espanhola, a região era ha-

bitada pelos Taínos – um dos povos indígenas Arwaks. Os Taínos, que foram os primeiros a fazer resistência à invasão europeia, tiveram sua população rapidamente dizimada devido a uma combinação de doenças e maus-tratos pelos espanhóis. Os indígenas não tinham imunidade à varíola e tribos inteiras se tornaram extintas. Em 25 anos, dos 250.000 habitantes Taínos da ilha, não restavam mais do que 14.000.

A ocupação espanhola concentrou-se na porção oriental da ilha, onde se fundou a cidade de Santo Domingo, de forma

que a porção oriental ficou relativamente esquecida. Isso possibilitou que, ao longo dos séculos XVI e XVII, a parte abandonada fosse ocupada por piratas franceses que se asentaram no norte e no oeste da Ilha Espanhola. Em 1665, a colonização francesa foi oficialmente reconhecida pelo rei Louis XIV e, em 1697, a Espanha cedeu formalmente o terço ocidental da ilha para a França.

A colônia francesa prosperou tanto que chegou a fornecer 60% do café e 40% do açúcar consumido na Europa, conquistando o apelido de “Pérola das Antilhas” e se tornando a colônia mais rica e próspera das Índias Ocidentais. Tal feito só foi possível através da exploração do árduo trabalho de escravos, que desde 1501, quando o Haiti ainda se encontrava sob domínio espanhol, eram trazidos do continente africano para realizar trabalhos forçados na colônia. Foram esses escravos, que desde antes de sua chegada já eram submetidos a condições degradantes, sub-humanas e de extrema violência, se rebelaram contra seus opressores e, em 1791, reunidos na cerimônia vodou de Bois Caiman, deram início à Revolução Haitiana, que culminou com a independência em relação à França e a instauração da República do Haiti em 1804.

Como forma de retaliação à revolução Haitiana, os escrivistas americanos e europeus tomaram as dores da França e firmaram um bloqueio naval contra o Haiti que ficou isolado comercialmente por 60 anos. Em 1915, movidos por interesses econômicos para proteger o capital de grupos americanos que exploravam as riquezas minerais do Haiti, os Estados Unidos invadiram o país e lá permanecem até 1934. Após a saída dos americanos, o país retomou sua rotina de instabilidade política e sucederam-se rebeliões e ditaduras sanguinárias. Em 2004, a Organização das Nações Unidas iniciou uma ocupação militar do país para estabelecer a ordem, e em 2010, um terremoto de magnitude 7 arrasa o Haiti, deixando 200.000 mortos e mais de 1.000.000 de desabrigados.

As “tempestades” mencionadas anteriormente se referem em geral a eventos sociais e políticos marcantes, em detrimento a fenômenos meteorológicos. No entanto, fatores climáticos e geográficos têm de fato um papel relevante no Haiti, dado a sua posição geográfica em uma zona propensa a tremores, temporais, frequentes inundações

e furacões. Porém, essas mesmas condições dificilmente causam tanta destruição nos vizinhos Cuba e República Dominicana, e isso está intimamente ligado à história do país.

Os períodos seguintes à Independência foram extremamente difíceis. A guerra civil, que durou cerca de 12 anos, foi muito violenta e destruiu a infraestrutura do país; a recém proclamada República se viu obrigada a pagar quantias extraordinárias de indenização à França em troca de reconhecimento diplomático, para isso fazendo diversos empréstimos e endividando-se cada vez mais enquanto a população vivia na miséria; observava-se altíssimos níveis de desmatamento, agravados por alta densidade populacional. A combinação desses fatores e suas consequências – a falta de recursos para recuperar uma infraestrutura precária, a miséria da população e a instabilidade do solo causada pelo desmatamento em uma paisagem montanhosa devastada desde o período colonial – evidencia que o que poderia ser fruto de puro “azar” na verdade está intrinsecamente ligado a elementos históricos e sociais do país que potencializam o efeito dos desastres naturais.

Há sempre diversas perspectivas por meio das quais é possível abordar a história de um país. No caso do Haiti, seria extremamente injusto e pouco representativo limitar-se a uma sucessão de tragédias. É possível observar, através dos mesmos fatos, a história de um povo forte, que resistiu e conquistou uma independência pioneira que durante décadas foi tida como um exemplo glorioso para diversas colônias na América Latina e na África. É possível observar o triunfo da primeira nação negra livre do mundo, graças à épica luta e à resistência do seu povo. É possível observar o arrebatador misticismo do vodou, ricas tradições artísticas, religiosas e culturais híbridas que no passado serviram de voz e palavra para os escravos privados de liberdade, e hoje trazem a força espiritual para seus descendentes enfrentarem os problemas cotidianos.

Se atualmente o Haiti carrega o trágico título de país mais pobre das Américas, nada é mais evidente de que esse título se limita a termos estritamente econômicos, já que essa nação e seu povo são riquíssimos em coragem e em patrimônio cultural e histórico.



# Pinturas



*Cité Imaginaire*  
Prefete Duffaut, 1970  
80 x 100 cm

No século XIX e início do XX, apenas uma pequena minoria dos artistas que pertenciam à elite haitiana, que dispunha de meios econômicos para enviar seus filhos para estudar no exterior, era que tinha acesso a formação acadêmica. Nesse período, as expressões artísticas produzidas no Haiti não se diferenciavam da pintura clássica feita na Europa.

Somente depois da ocupação Americana do Haiti, nos anos 1920, e com o surgimento do movimento Indigenista, cujo mentor intelectual foi Dr. Jean Price Mars, é que alguns pintores que tinham frequentado a academia, como Petion Savain, reconhecem o valor da herança africana e passam a retratar em suas telas toda a exuberância do seu entorno, presente nas cenas do cotidiano da população.

Por outro lado, mesmo sem nenhuma formação acadêmica, os artistas populares com talento nato e estilo único e primitivo exaltavam, numa explosão de cores, a alegria e a tristeza; o riso e a música; e o rico patrimônio vodou do Haiti, conferindo à arte do país o dinamismo e a eletricidade da vida em todas as suas manifestações.

Entretanto, foi somente na década de 1940 que essa arte, cuja riqueza continua a florescer e se expandir até os dias de hoje, superando dificuldades e sobrevivendo a tragédias e terremotos, ganhou reconhecimento mundial, impulsionado pela chegada de DeWitt Peters. Peters, um professor de Inglês que desembarcou no Haiti em 1943, impressionado com a qualidade das pinturas dos templos vodou, e da arte produzida pelos pintores locais, que retratavam cenas do cotidiano urbano e rural, foi o catalisador, a força unificadora por trás do reconhecimento internacional dos artistas haitianos.

DeWitt Peters embarcou em uma história de amor eterno com a arte e com o povo do Haiti. Foi o facilitador que criou as condições ideais para o “renascimento” da arte haitiana em sua primeira e mais crucial fase, com a fundação do Centre d’Art em Port-au-Prince. Peters encorajou, uniu e inspirou artistas. Os membros incrivelmente talentosos do elenco de artistas que projetou o Haiti no cenário de arte internacional, em algum momento de suas vidas passaram pelo Centre d’Art, que se tornou o espaço de referência e convivência entre artistas haitianos e intelectuais e pintores estrangeiros que socializavam conhecimentos acadêmicos, aprimorando as técnicas de pintura dos já talentosos artistas locais.

Na década de 1960, o mestre da pintura haitiana Ismael Saincilus criou, a 150 Km de Port-au-Prince, a Escola de Arte de Artibonite, onde até a sua morte, no ano 2000, ensinou técnicas de pintura e uma geração de artistas. A

Escola de Arte de Artibonite formou e projetou internacionalmente artistas haitianos, hoje merecidamente reconhecidos e valorizados no cenário artístico mundial.

Na pintura haitiana as fontes de inspiração são vastas e inesgotáveis e os estilos são muitos, mas sem dúvida o primitivo é o mais espetacular. A mostra *Haiti – Vida e Arte* não tem a pretensão de mostrar a pintura haitiana em toda a sua grandiosidade, mas apresenta obras representativas de alguns dos grandes mestres do Haiti, juntamente com pinturas de talentos emergentes. Foram selecionadas 24 telas de: Gerard Valcin, Pierre Louis Riche, Ismael Saincilus, Rosier Edens, Wilson Bigaud, Préfète Duffaut, André Pierre, Guy Jourdan, Stivenson Magloire, Wendel Jeune, Emmanuel Saincilus, Lionel St. Eloi, Gabriel Coutard, Robert Bresil, e Hughes Rouanez.

*André Pierre* (1915-2005) – Nascido em Port-au-Prince, se mudou ainda jovem para Croix-des-Missions, na periferia da capital, onde trabalhava como agricultor. Praticante do vodou desde a infância, conheceu em um templo o cineasta americano Maya Deren, que estava no Haiti para fazer um filme sobre dança. Deren, ao ver imagens de espíritos vodou que Pierre havia pintado para decorar o templo, aconselhou-o a pintar sobre tela e o introduziu ao Centre d’Art. Pierre, que dizia pintar não para fazer pintura, e sim para demonstrar as verdades de sua religião, tornou-se sacerdote vodou e ficou conhecido por suas representações do panteão de divindades da religião. Considerado um dos principais artistas haitianos, foi o vencedor da medalha de ouro na V Bienal Venezuelana, e seu trabalho está incluído nas coleções permanentes do Museu de Davenport, em Iowa, do Museu de Arte de Milwaukee, da Wadsworth Atheneum, em Hartford, Connecticut, entre outros.

*Préfète Duffaut* (1923-2012) – Nascido em Jacmel, na costa sul do Haiti, e criado por uma madrasta cruel, Duffaut se refugiava em um mundo ideal que criou para si mesmo no papel. Seus pequenos esboços e pinturas o ajudavam a superar os períodos de desespero. Trabalhou muitos anos com o seu pai como carpinteiro, até o momento em que a Virgem lhe apareceu em um sonho e pediu que ele decorasse as paredes da igreja com sua imagem. Ao atender esse pedido, seu talento foi reconhecido pelos moradores locais e chegou ao conhecimento de pessoas ligadas ao Centre d’Art, ao qual se juntou em 1948. Seu estilo é descrito tanto como primitivo como “naif”, e ele é conhecido por suas representações de uma “Ville Imaginaire” – várias de suas pinturas são marcadas por cidades utópicas com paisagens fantásticas e estradas sinuosas. Duffaut raramente pinta outras en-

tidades que não a Virgem, que para ele é uma representação de Erzulie, do vodou. Apenas três anos após ter se juntado ao Centre d’Art, foi escolhido para ser um dos cinco artistas haitianos para pintar os murais da Catedral de Sainte Trinité. Suas obras são amplamente exibidas no exterior, e fazem parte da coleção permanente do Museu do Brooklyn.

*Gerard Valcin* (1925-1988) – Considerado um dos maiores mestres haitianos, quando jovem trabalhou como azulejista, até entrar no Centre d’Art, em 1959. Gerard Valcin, junto com Andre Pierre, eram as figuras dominantes entre os pintores. Enfatizou intrincados padrões em seus quadros pintados com simetria uniforme. Toda sua arte é distinguida pela utilização metódica de cor e linha, dando aos seus trabalhos uma forte estética nativa.

*Wilson Bigaud* (1931-2010) – Nascido em Port-au-Prince e considerado como “o último gigante” da primeira geração de grandes mestres da pintura haitiana, Wilson Bigaud começou sua carreira artística trabalhando com argila. Ainda na adolescência conheceu a DeWitt Peters, um dos fundadores do Centre d’Art, quem o convenceu e incentivou a explorar seus talentos para a pintura. Seus primeiros quadros incluíam representações, não sem um sabor de sátira, da vida doméstica da elite, assim como cenas de ruas cheias de gente. Sua obra se caracteriza por uma riqueza de detalhes observados cuidadosamente e representados com exatidão, trazendo elementos do vodou e “iluminando com uma luz dourada” a vida cotidiana do Haiti.

Reconhecido mundialmente, foi um dos artistas haitianos escolhidos para executar os murais da Catedral de Sainte Trinité, que desabou tragicamente com o terremoto de 2010, tendo também conquistado prêmios no exterior e entrado para a coleção permanente do MOMA – Museu de Arte Moderna de Nova York.

*Ismael Saincilus* (1940-2000) – O artista, nascido na Petite Riviere de L’Artibonite, começou a desenhar aos sete anos de idade. Aos 16, após visitar o Centre d’Art, começou a pintar. Ismael é muito respeitado no mundo da arte, tanto dentro como fora do Haiti, e suas pinturas são imediatamente reconhecíveis, com obras que retratam a vida camponesa haitiana, assim como obras religiosas com temas que frequentemente misturam influências do cristianismo e do vodou. Considerado o progenitor do estilo Artibonite da pintura, entre os seus alunos estavam artistas como Michel-Ange Altidort, Alix Dorleus, Errol Louis e Carlos J. Baptiste. Por razões políticas, Ismael passou um total de sete anos de prisão em momentos

diferentes durante o regime dos Duvalier. Quatro de seus filhos seguiram a carreira do pai, buscando estilos próprios.

*Henry Robert Brésil* (1952-1999) – Nascido em Gonaïves, mudou-se para Port-au-Prince no início dos anos 1970. Muito talentoso, Brésil impressionava seus colegas com suas técnicas e alcançou rapidamente o reconhecimento internacional. Seus trabalhos foram expostos em todas as principais galerias no Haiti, bem como nos Estados Unidos, Japão, Alemanha, Itália, Porto Rico, Suíça e França. Elogiado pela mídia e procurado pelos colecionadores de arte, o artista era conhecido por suas “selvas verdes” e flamingos.

*Pierre Louis Riche* (1954-) – Começou a pintar aos 20 anos no estúdio do mestre haitiano Philomé Obin. Durante décadas, Riche pintou temas históricos, e só mais tarde se dedicou a seu tema favorito, ao qual ele se referia por “Les Grosses Patates”, gíria do crioulo haitiano para pessoas gordas. Ele é comparado com Botero, pintor colombiano que pinta o mesmo assunto, embora alegasse que não tinha sido familiarizado com ele quando começou a se dedicar à temática. Suas obras caracterizam-se por um detalhamento finamente executado e por uma coloração ricamente sutil.

*Gabriel Coutard* (1965-) – Nascido na pequena cidade portuária de St. Marc, filho de pais agricultores, Gabriel Coutard se mudou para Port-au-Prince em tenra idade e começou a pintar sob a direção de Gabriel Alix, seu tio. Coutard é um mestre em pintar a selva, mas evitou parecer preso à uma fórmula. Em cada uma de suas pinturas é possível perceber a enorme dedicação que lhe foi aplicada, dando a cada uma delas uma aparência original.

*Stivenson Magloire* (1963-1994) – Nasceu em 16 de agosto de 1963, em Petionville, Haiti. Sua mãe foi uma das fundadoras do movimento de pintura de Saint Soleil no Haiti, juntamente com Prosper Pierre-Louis, Denis Smith, Dieuseul Paulo entre outros. Filho do falecido e renomado pintor Louisianne St. Fleurant e irmão da talentosa pintora Magda Magloire, Stivenson começou a pintar aos 10 anos e evoluiu através de vários estilos. Sua obra madura é de natureza expressionista, retrata pessoas estranhas, pássaros e símbolos que muitas vezes fazem alusões políticas ou sociais. No final dos anos 1980, ele estava sendo comparado com Jean-Michel Basquiat. Seu futuro promissor foi interrompido de forma trágica, Stivenson Magloire foi assassinado no dia 9 de outubro de 1994 em Petionville, durante o caos que acompanhou os primeiros dias da ação dos EUA que restaurou Jean-Bertrand Aristide no poder. Suas pinturas são muito procuradas por colecionadores de todo o mundo.





*Christophe Colomb et La reine Isabelle la Catholique planification du voyage vers les Indes*  
Wendel Jeune, 2009

100 x 75 cm



*Arrive de Colomb a 1492 an Amerique sur l'ile de Quisqueya (Mole St. Nicolas – Haiti)*  
Wendel Jeune, 2014

150 x 100 cm

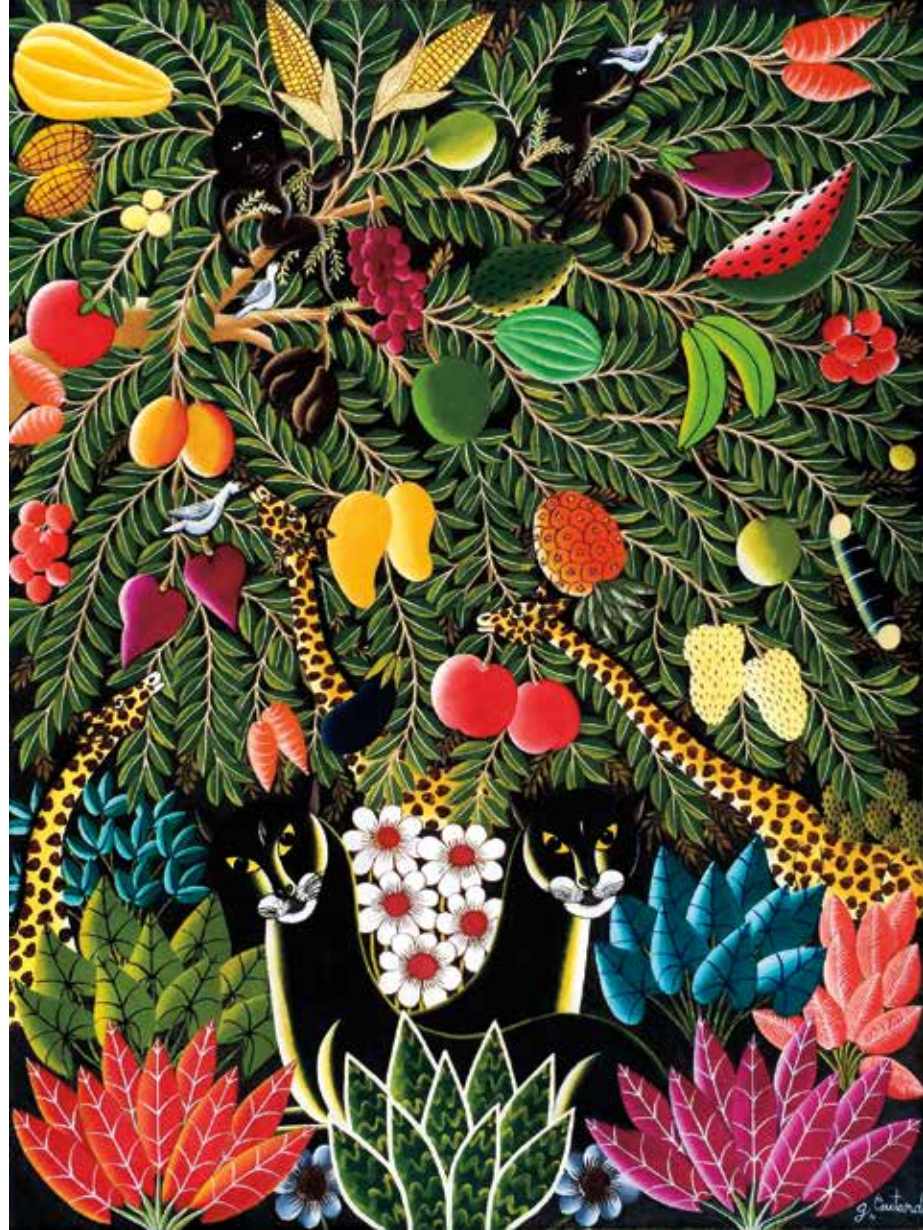




*Paradis*  
Henry Robert Bresil, 1988

80 x 100 cm





*Paradis*  
Gabriel Coutard, 1998  
75 x 100 cm



*Bois Caiman*  
Emmanuel Saincilus  
60 x 90 cm

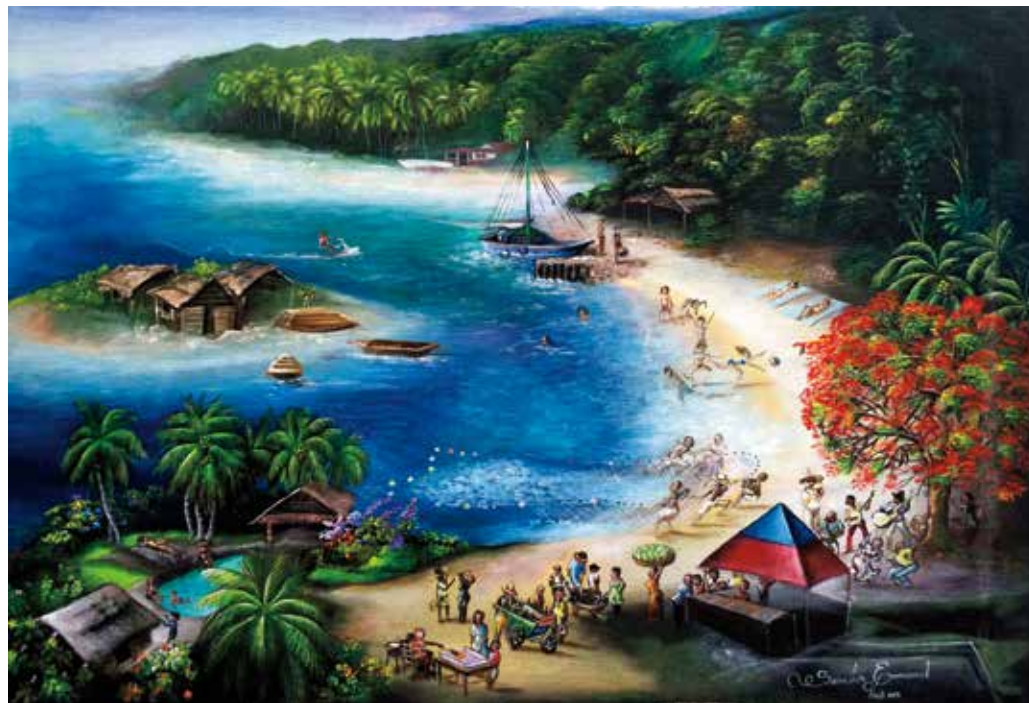




*Agouéh et La Sirene* – Hughes Rouanez, 2011 – 60 x 90 cm



*La Sirene* – Gerard Valcin, 1986 – 42 x 45 cm



*La vie sur la côte haïtienne* – Emmanuel Saincilus, 2014 – 60 x 90 cm



*La Sirene* – Gerard Valcin, 1987 – 60 x 70 cm

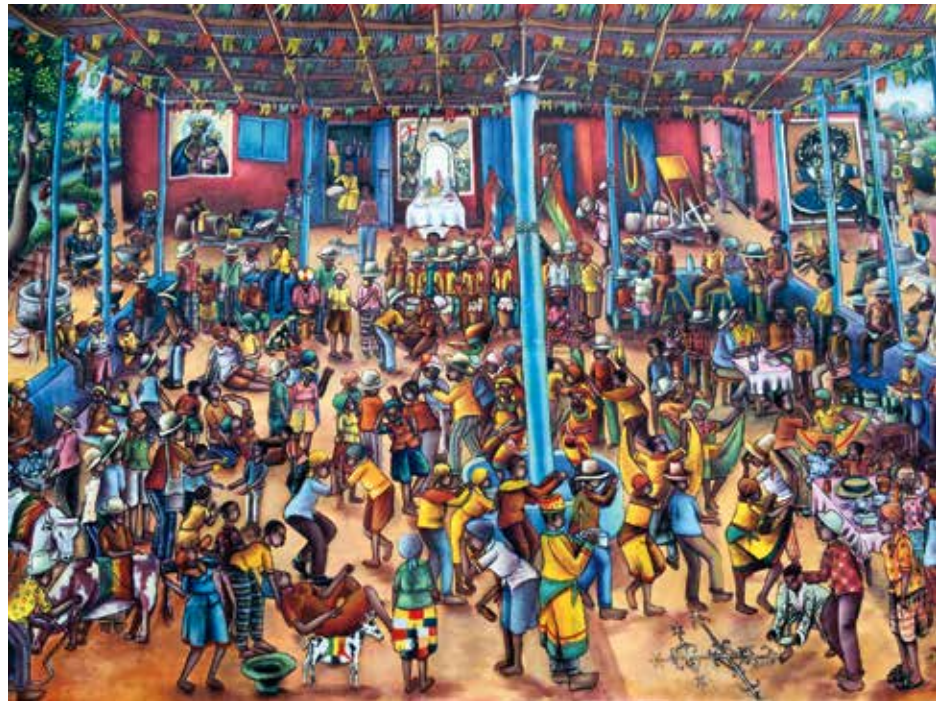




*Cérémonie Vodou dans la forêt – Rosier Edens – 75 x 100 cm*



*Stivenson Magloire – 65 x 50 cm*



*Vodou Cérémonie au Temple – Rosier Edens – 100 x 150 cm*



*Stivenson Magloire – 80 x 50 cm*





*Marassa – Andre Pierre, 1980 a 1985*



*Cérémonie Vodou a la champagne – Wilson Bigaud, 1993 – 60 x 70 cm*



*Rara – Lionel St. Eloi, 2009 – 50 x 60 cm*

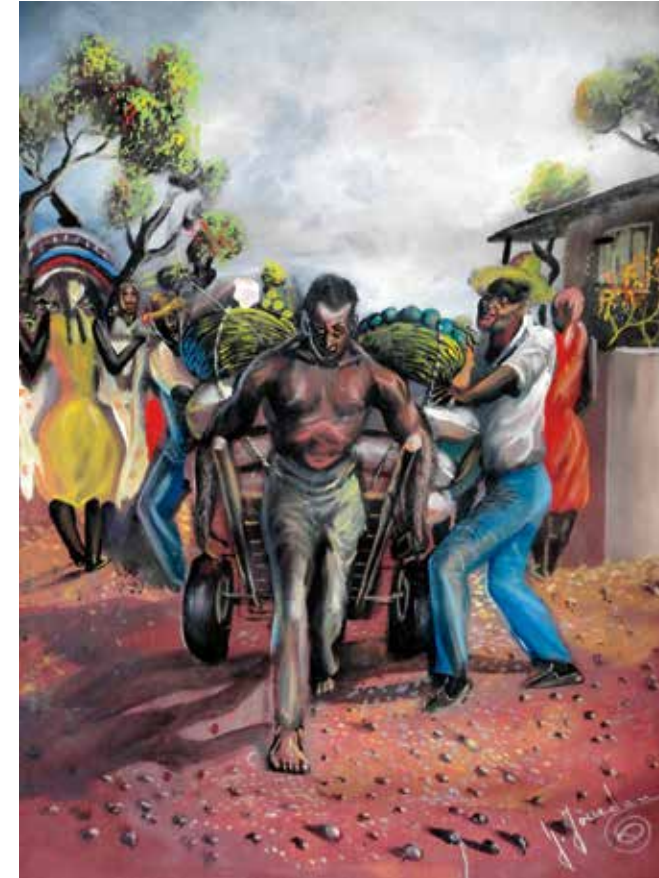


*Mariage – Wilson Bigaud, 1996 – 80 x 55 cm*

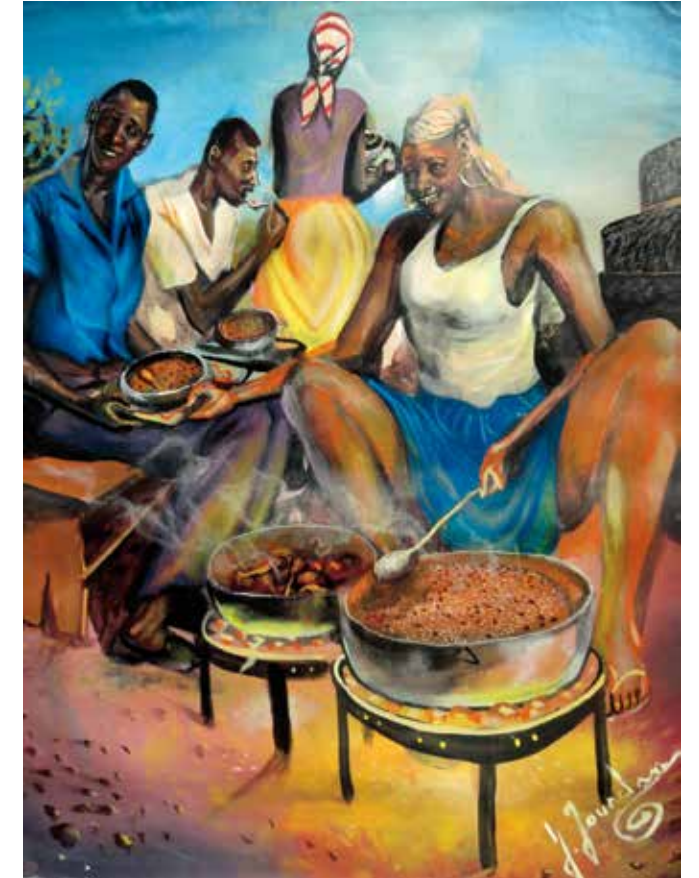




*Tremblement de terre*  
Guy Jourdan, 2010  
90 x 85 cm



*Scène rurale*  
Guy Jourdan, 2010  
90 x 85 cm



*Vendeuse*  
Guy Jourdan, 2010  
90 x 85 cm





*Danseurs*  
Ismael Saincilus, 1976  
82 x 64 cm



*La Courtisane*  
Pierre Louis Riche, 1980  
60 x 75 cm



## Esculturas em metal



*Diable*  
Gabriel Bien Aimé  
diâmetro 60 cm





*Cerimonia Baron Samedi*  
Pierre Richard Desrosiers

40 x 90 cm

Entre as diversas formas de manifestação da arte haitiana, que supera a falta de matérias primas e as técnicas artísticas convencionais, encontramos os trabalhos produzidos em metal.

DeWitt Peters, aquarelista norte-americano que foi ao Haiti durante a Segunda Guerra Mundial como professor de Inglês, é considerado o patrono da arte haitiana por ter reconhecido a riqueza e o talento nato dos artistas locais e impulsionado o seu reconhecimento mundial. Intrigado pela originalidade das cruzes de ferro salientes da terra que marcavam os túmulos de um cemitério em Port-Au-Prince, descobriu o ferreiro, que em breve se tornaria o renomado artista haitiano Georges Liautaud.

Seguindo os passos de Georges Liautaud, Pierre Petit, os irmãos Louis-Juste, Murat Brierre, Gabriel Bien Aimé, Serge Jolimeau, entre outros mestres em forjar peças de ferro e trabalhar com metais, artistas haitianos vêm alcançando o reconhecimento internacional com suas criações confeccionadas a partir de tonéis de aço utilizados no transporte de petróleo – principal fonte de energia no Haiti –, que são pacientemente decupados, recortados e trabalhados em relevos côncavos e convexos dando origem a peças de rara beleza e qualidade artística.

O centro desta atividade artística é a comunidade de Croix-des-Bouquets, cerca de 10 km do centro de Port-au-Prince, onde o bater de martelos contra os pregos que extraem texturas e formas dos metais é uma música característica. O “fer decoupe”, como é chamado esse trabalho em metal, é uma expressão artística genuinamente haitiana que produz uma arte de múltiplos significados. Uma nova geração de artistas, através de uma imaginação espetacularmente fértil, cria e transforma as chapas de metal em esculturas, peças de carro, correntes de bicicleta, sucata, utensílios de cozinha, moedas e todo tipo de objetos de metal.

Muitos artistas talentosos não chegam a assinar suas esculturas, cujo processo de confecção é extremamente trabalhoso. Inicialmente, o barril de petróleo precisa ser limpo para remover o óleo e as tintas por meio de aquecimento. Em seguida, o cilindro de metal é cortado em várias peças de dimensões variáveis: o tampo superior e o fundo darão origem a esculturas com 60 cm de diâmetro, enquanto com as laterais do cilindro será possível criar peças com dimensões que podem chegar a 90 cm – altura do tonel –

por até 180 cm – largura da folha de metal resultante da lateral recortada.

A ingenuidade surpreendente, o talento e a inspiração mística do povo haitiano, revelada pela necessidade de sobrevivência, têm impulsionado um mercado de arte que vem sendo cada vez mais valorizado no exterior.

Para a exposição *Haiti – Vida e Arte* foram selecionamos 27 peças de metal de alguns dos mais talentosos artistas da velha e da nova geração: Gabriel Bien-Aimé, Serge Jolimeau, Desrosiers, Sylvestre, Brutal Michel, entre outros.

*Gabriel Bien-Aimé* (1951-) – Nasceu em Croix-des-Bouquets, lugar conhecido como o “berço da escultura de metal haitiana”. Trabalhou como mecânico de automóveis por vários anos antes de ser aprendiz de arte em metal do escultor Janvier Louis-Juste. A arte de Bien-Aimé vem sendo exibida internacionalmente. Suas peças foram publicadas em revistas especializadas em arte, e fazem parte de coleções particulares e públicas, entre elas a do MOMA – Museu de Arte Moderna de New York. Sua obra é povoada de figuras da vida cotidiana, com longos rabiscos esculpido em metal, que podem ser torcidos para criar efeitos tridimensionais espetaculares.

*Serge Jolimeau* (1952-) – Nasceu em Croix-des-Bouquets, na zona metropolitana de Port-au-Prince, e trabalhou por dois anos como aprendiz do artista haitiano Louis-Juste. Hoje, Jolimeau é um dos principais escultores de metal do Haiti, e seu trabalho tem reconhecimento dentro e fora do país. Suas obras estão publicadas em renomadas revistas e são destaque no Museu do Brooklyn, em Nova York, e em muitas outras coleções espalhadas pelo mundo.

*Brutal Michel Andrevil* (1967-) – Nasceu em Sant D’eau, departamento central do Haiti. Reside em Croix-des-Bouquets desde abril de 1983, onde tem seu atelier. Foi aprendiz de Serge Jolimeau, e possui peças em coleções no Haiti, Canadá, Estados Unidos, Brasil e França. É membro da ADAA – Association des Artistes e des Artisans de Croix-des-Bouquets. Participou de exposições no Canadá e no Brasil.

Pierre-Richard Desrosiers e John Sylvestre são também artistas talentosos que têm seus ateliers em Croix-des-Bouquets e, pela qualidade dos seus trabalhos, têm reconhecimento a nível internacional.





Gabriel Bien Aimé  
40 x 90 cm



Gabriel Bien Aimé  
40 x 90 cm





Gabriel Bien Aimé  
diâmetro 60



Serge Jolimeau  
140 x 60 cm





John Sylvestre – 50 x 80 cm



Windzor Govin – diâmetro 60 cm



Brutal Michel Andrevil – 15 x 60 cm



Mackenzy V. H. – 15 x 60 cm



Brutal Michel Andrevil – 25 x 60 cm



Brutal Michel Andrevil – 50 x 80 cm



Brutal Michel Andrevil – 60 x 60 cm



Brutal Michel Andrevil – 25 x 60 cm





J. Rony – diâmetro 60 cm



anônimo – 60 x 60 cm



Brutal Michel Andrevil – 50 x 50 cm



anônimo – 60 x 60 cm



Brutal Michel Andrevil – 45 x 50 cm



anônimo – 60 x 60 cm



Rony St. Cloux – 40 x 25 cm



anônimo – 60 x 60 cm





*Rará*  
Brutal Michel Andrevil  
40 x 90 cm





Brutal Michel Andrevil  
diâmetro 60 cm



Pierre Richard Desrosiers  
diâmetro 60 cm





*Ogum Ferré*  
Pierre Richard Desrosiers  
diâmetro 60 cm



*Ezulie Dantor*  
Pierre Richard Desrosiers  
diâmetro 60 cm



## Bandeiras de vodou



*La Sirene*  
Eveland Lalanne, 1990  
79 x 75 cm



**Introduzido no Haiti** pelos escravos trazidos do Golfo da Guiné, região que atualmente corresponde aos territórios do Benin, Togo e Nigéria, o vodou é uma religião popular com caráter prático que tem como foco a cura dos doentes, a alimentação dos famintos e a solução dos tantos problemas cotidianos. Os iniciados procuram a proteção de um loá (espíritos do vodou haitiano) específico para ajudá-los a lidar com as dificuldades e demandas de suas vidas.

As bandeiras de vodou são utilizadas para a decoração dos templos e nas cerimônias religiosas. Originalmente eram muito pesadas e a sua produção era limitada. Produzidas quase exclusivamente por homens e feitas com lantejoulas de metal, não resistiram ao clima quente e úmido do Caribe, que é extremamente prejudicial aos têxteis e corrosivo para os metais. A partir da década de 1940, com a importação das lantejoulas de plástico, a sua produção se difundiu. Devido ao seu grande valor estético, as bandeiras assumiram no exterior o conceito de arte, o que fez com que se tornassem um ponto focal entre as obras de arte haitianas, sendo valorizadas no mercado de arte internacional.

Com bordas em cetim e dimensões variáveis, as bandeiras de vodou são ricamente bordadas na área central chegando a empregar cerca de 20.000 missangas e lantejoulas. Chamam a atenção pela riqueza de detalhes, que quase sempre fazem referências às entidades que compõem o panteão de seres venerados no vodou. Geralmente dedicadas a uma divindade, retratada de forma figurativa ou pelo “veve” que a simboliza, as bandeiras possuem design único e são imbuídas de um significado profundo e complexo. No vodou haitiano, de maneira semelhante ao sincretismo encontrado nas religiões de matriz africana no Brasil, a representação das suas divindades tem correspondentes entre os santos católicos.

Para a exposição “Haiti Vida e Arte” foram selecionadas 23 bandeiras de alta qualidade produzidas por renomados artistas haitianos: Yves Telemaque, Roland Rockville, Eveland Lalanne, Maxon Scylla, Wagler Vital, Edgar Jean-Louis, Georges Valris, entre outros.

*Maxon Scylla* – Reconhecido pelo seu talento desde os anos 90, é um dos importantes nomes do mundo das artes no Haiti. Foi aprendiz do famoso e já falecido artista Antoi-

ne Oleyant. Utilizando imagens claras e lineares em cores ousadas, seu estilo é inspirado em seu mestre, e tem na Sereia – La Sirene – sua principal fonte de inspiração. Representada segurando uma trombeta, essa figura meio mulher meio peixe, geralmente de pele clara e cabelos longos, tem na outra mão um espelho ou um pente. A Sereia está associada com a sedução e a riqueza, e pode ser calma e graciosa como também possuir uma força aterradora. É o espírito dos músicos e seu homólogo na religião católica é St. Martha.

*Roland Rockville* (1954-) – Entre todos os artistas de bandeiras, é o único que teve experiência de desenho em um ambiente acadêmico, tendo aprendido primeiramente a pintura. Utiliza a limitada paleta de cores das lantejoulas para dar um toque tridimensional ao seu trabalho. Por meio de seu conhecimento de perspectiva, trabalha com habilidade narrativas de grande conteúdo espiritual, nas quais conta com a ajuda dos espíritos para relatar fábulas, muitas das quais são mensagens claras de advertência que retratam consequências de más decisões. Sem dúvida, o seu conhecimento espiritual impulsionou o seu senso criativo e influenciou determinadamente sua obra. Seu compromisso com os espíritos é presente e reflexo de um exaustivo processo pessoal de espiritualização. Em 2004, tornou-se sacerdote vodou.

*Yves Telemaque* (1955-) – É talvez o primeiro dos artistas a colocar uma assinatura em seu trabalho. Começou a produzir bandeiras para distribuição no exterior em meados dos anos 1980. Desenhos simétricos e cores vibrantes distinguem seu estilo, que é facilmente reconhecido por causa de sua ênfase nas barras com padrões geométricos que rodeiam a imagem central. Telemaque usa em suas composições imagens que adaptam linguagens visuais contemporâneas ao simbolismo da iconografia do vodou, o que faz com que seja reconhecido como um artista experiente e talentoso.

*Wagler Vital* (1959-) – Vital começou sua carreira como pintor aos vinte anos influenciado pelo reconhecido pintor haitiano Burton Chenet, tendo obtido sucesso na venda de suas pinturas. No início da década de 1990, em parceria com Petit Frere Mogirus, passa a projetar as bandeiras que eram executadas por Mogirus. As bandeiras de Vital focam

suas representações menos no vodou, e mais nas imagens e parábolas católicas que, com frequência, têm um contorno preto que define as figuras. Utiliza uma paleta de cores específica que dá preferência às lantejoulas claras e suaves.

*Edgar Jean-Louis* (1921-2010) – Sacerdote Vodou, Jean-Louis era personagem conhecida, amável e acessível. Suas bandeiras são famosas pelo elaborado trabalho de lantejoulas, pérolas, miçangas, canutilhos e figuras com rostos e mãos reproduzidos de obras de arte e cobertos de plástico. As homenagens de Edgar para Erzulie Freda e Erzulie Danthor estão presentes em exposições e nas mais importantes coleções de bandeiras de vodou.

*Eveland Lalanne* (1939-2003) – Praticante do Vodou, Lalanne adquiriu um extenso conhecimento de tratamentos a base de plantas, e era considerado um curandeiro nato. Suas bandeiras vodou são únicas e seu estilo é instantaneamente reconhecível. No lugar da tradicional mistura de miçangas arredondadas e coloridas, o artista utiliza contas claras e finas que cobrem todo o desenho. A luz refletida nessa multifacetada superfície faz com que o vidro obscureça a imagem abaixo em cores vibrantes que é percebida com um olhar mais intenso abaixo da superfície.

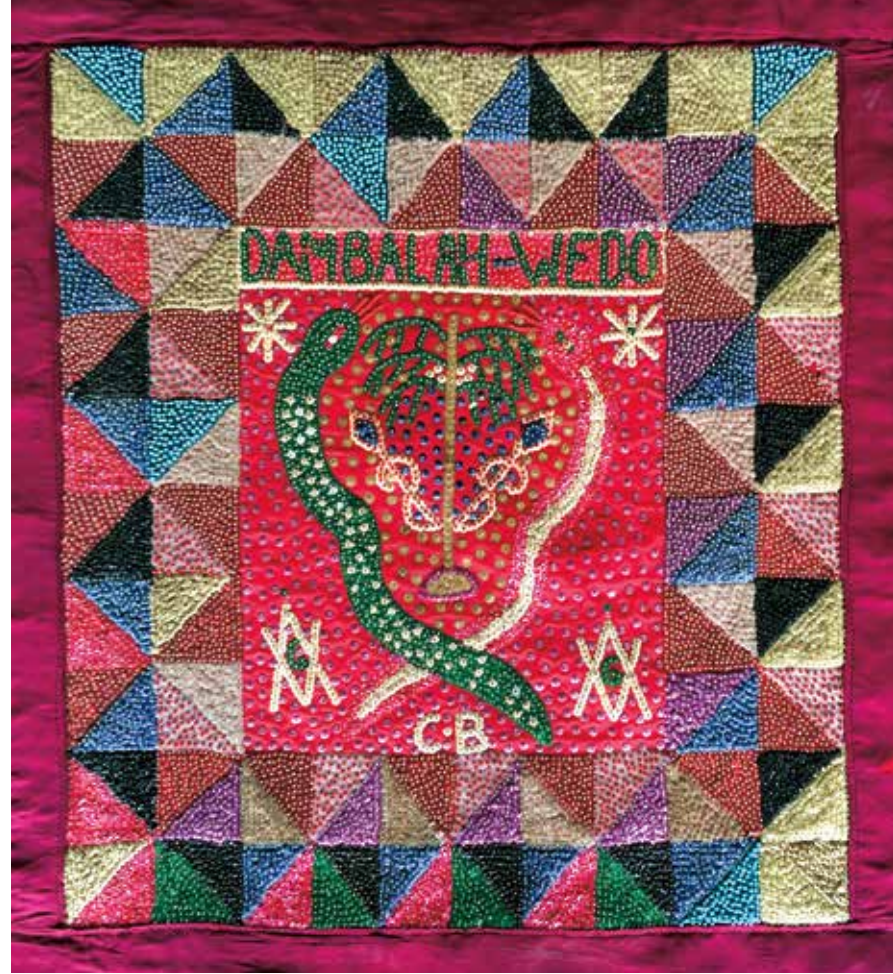
*Georges Valris* (1950-) – Nasceu em Cavaillon, Haiti, perto da cidade de Les Cayes. Valris é católico e afirma não acreditar no vodou. Ele usa as imagens de Dambala, Erzulie, Grand Bois e tantas outras para compor a sua obra e não vê conflito entre isso e suas crenças religiosas. Mais do que os outros artistas, usa também imagens católicas. Reconhecido internacionalmente, sua habilidade técnica é espetacular e seu trabalho com pérolas é particularmente requintado. Seu filho, Valentin Valris, seguiu a carreira do pai e trabalha em seu atelier em composições próprias que retratam histórias bíblicas.

*Ceremonie Damballa*  
Roland Rockville, 1992

90 x 90 cm





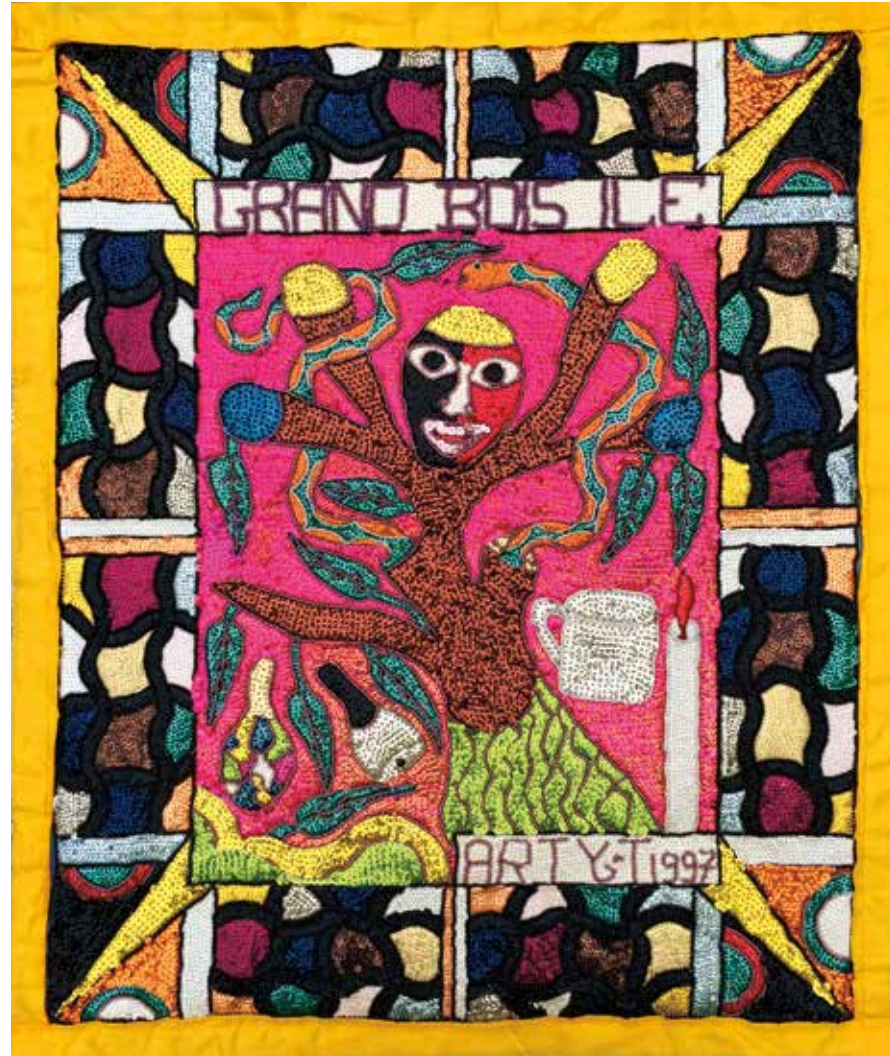


*Damballa Wedo*  
Clotaire Bazile, 1970  
60 x 60 cm

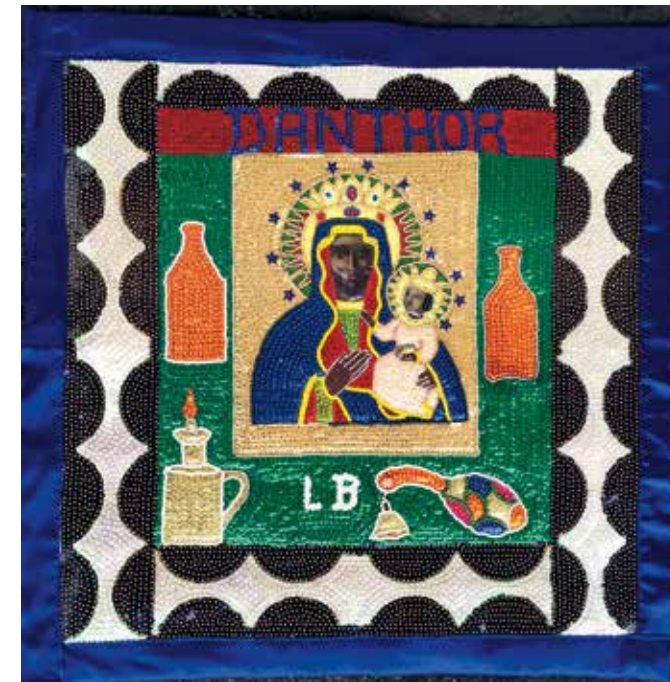


*Erzulie Dantor*  
Vilaire Cherismé, 1994  
60 x 80 cm

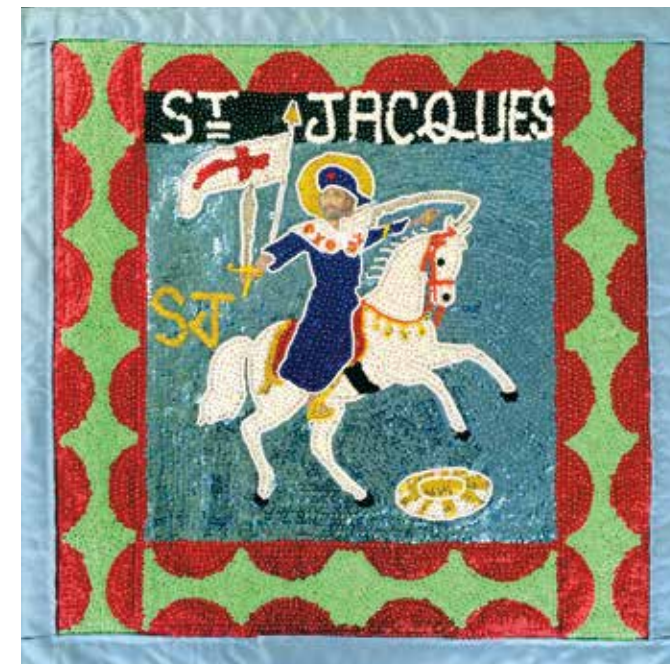




*Grand Bois*  
Yves Telemaque, 1997  
82 x 98 cm

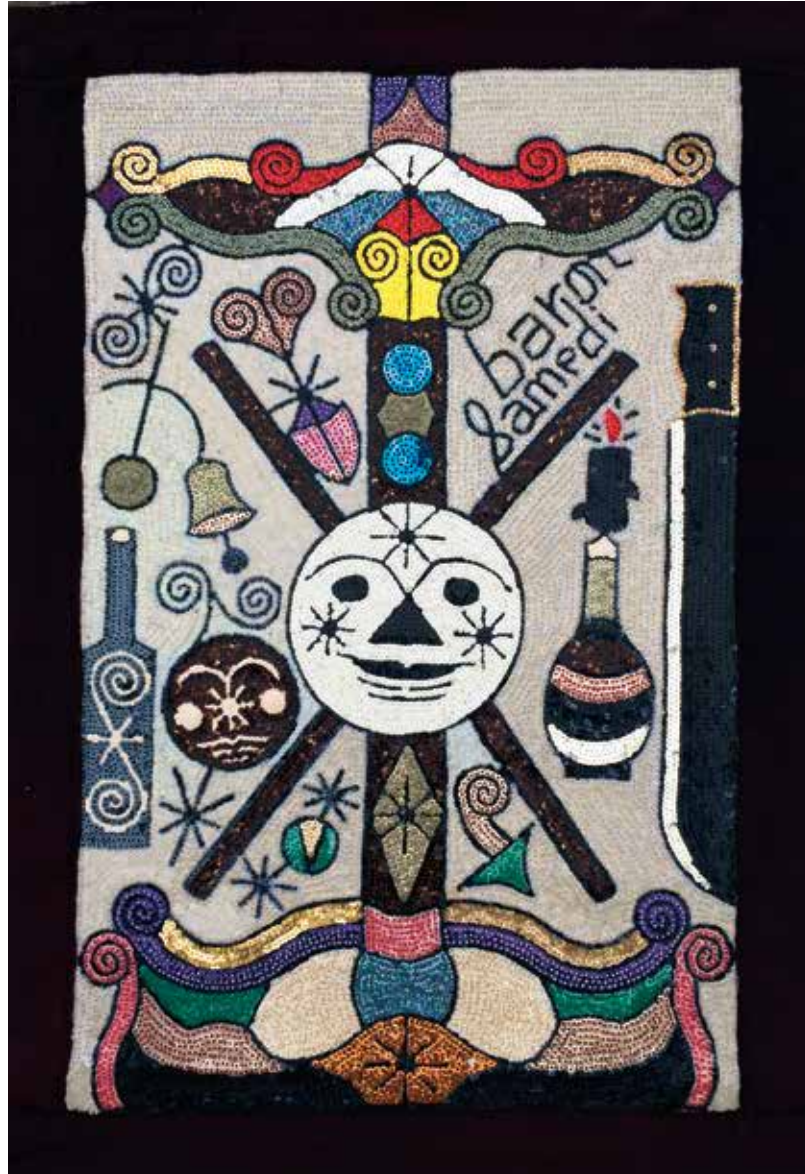


*Ezulie Dantor* – LB Ecole du Belair, 2004 – 74 x 74 cm



*Saint Jacques* – LB Ecole du Belair, 2004 – 80 x 80 cm





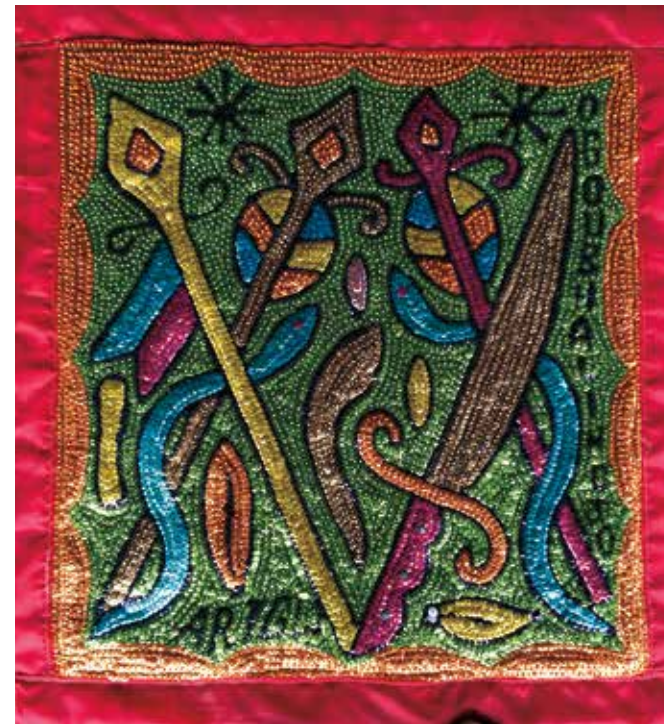
*Baron Samedi*  
Vilaire Cherismé, 2005  
61 x 89 cm



*Zaka* – Wilfrid Geffrard, 2014 – 60 x 60 cm



*Loko* – Wilfrid Geffrard, 2014 – 60 x 60 cm



*Oghou Badagri* – Wilfrid Geffrard, 2014 – 60 x 60 cm



*Erzulie Dantor* – anônimo, 2013 – 60 x 60 cm





*Sirene* – Valentin Valris, 2005 – 70 x 80 cm



*Agoue* – Ateliers Sylva Joseph au Belair, 2011 – 60 x 60 cm

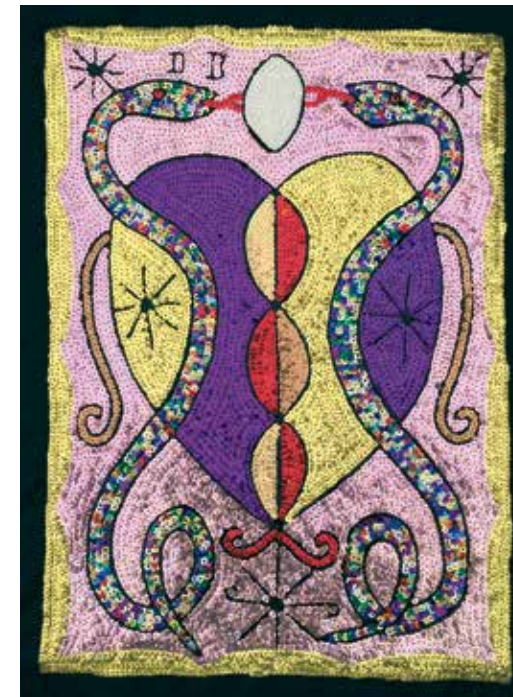


*Marassa*  
Maxon, 2013  
65 x 100 cm





*Cerimonia de Bossu, Damballa e Erzulie*  
 Maxon, 2014  
 75 x 100 cm



*Erzulie Damballa* – anônimo, 2010 – 60 x 90 cm



*Simby* – anônimo – 77 x 74 cm



*Legba* – anônimo, 2002 – 79 x 75 cm

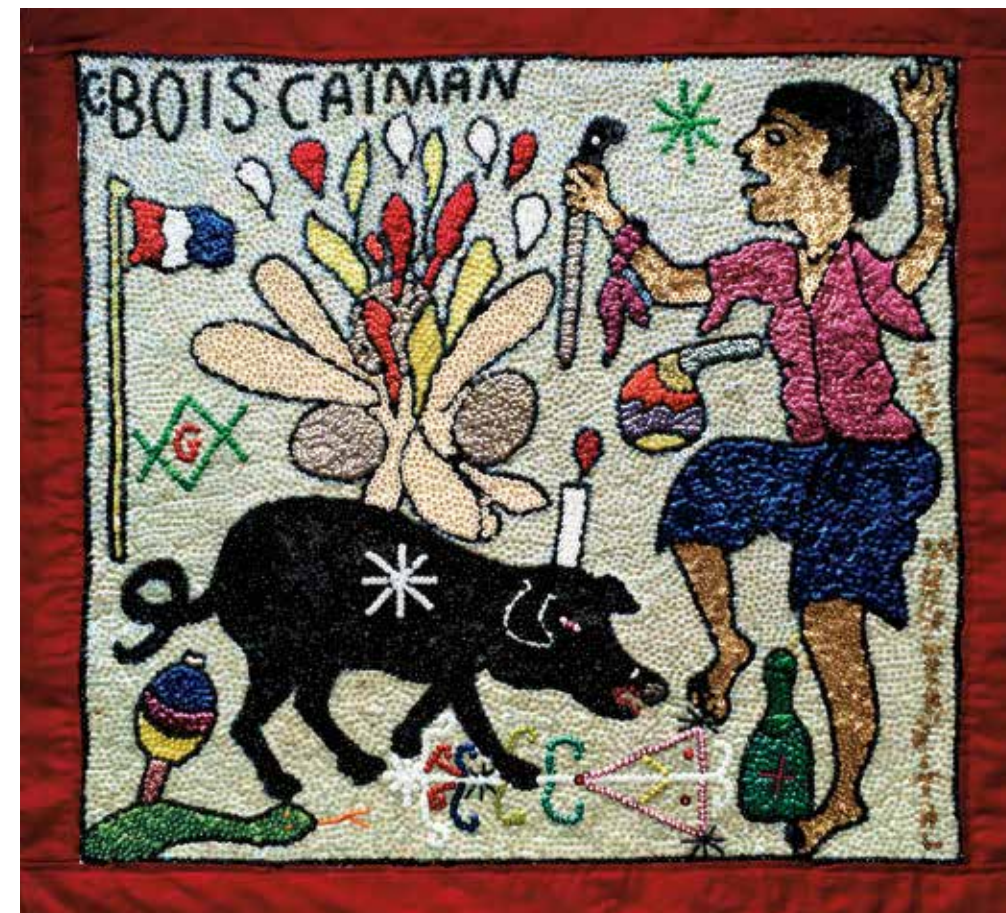


*Erzulie Laflambeau* – anônimo – 60 x 80 cm





*Cerimonie Bossou*  
Yves Telemaque, 2011  
45 x 70 cm



*Bois Caiman*  
Wagler Vital, 2005  
45 x 60 cm



## Haiti – Vida e Arte

Exposição de Arte Haitiana

*abertura* 25 de maio de 2015

*exibição* 26 de maio a 31 de maio de 2015

Galeria Olido

Avenida São João, 473 – Centro – São Paulo, SP

*realização*

Prefeitura de São Paulo

Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial

*apoio*

Secretaria Municipal de Cultura

Departamento de Expansão Cultural – Galeria Olido

*acervo*

Jacques Bartoli

*curadoria*

Dirce Carrion

*artista convidado – workshop*

Emmanuel Saincilus

*execução*

Instituto Masther

*produção*

Reflexo

*molduras*

Oxumaré Galeria de Arte

*montagem*

Manoel Pacheco e equipe galeria Olido

*equipe de produção*

Lígia Magalhães, Mariana Queiroz,

Manuel Alexandre Lima, Patrícia Jatobá

## CATÁLOGO

*concepção*

Dirce Carrion

*projeto gráfico*

Fernando Moser – Shadow Design

*impressão e acabamento*

Gráfica Arvato

*agradecimentos*

Jacques Bartoli, Antônio Pinto, Filomena Bocalini,

Mário Ferreira, Marco Antônio Silva, Sulla Andreato

